

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Prática e Pesquisa em Geografia Escolar

Helena Pinheiro Dantas

“CIDADES INVISÍVEIS”:

Cartografia como ferramenta didática para se pensar em novas
possibilidades de cidades para o Ensino Fundamental I

Rio de Janeiro
2024



Helena Pinheiro Dantas

“CIDADES INVISÍVEIS”:

Cartografia como ferramenta didática para se pensar
em novas possibilidades de cidades para o Ensino Fundamental I

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientador Prof. Dr. Demian Garcia Castro

Rio de Janeiro
2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

D192 Dantas, Helena Pinheiro

“Cidades invisíveis” : cartografia como ferramenta didática para se pensar em novas possibilidades de cidades para o ensino fundamental I / Helena Pinheiro Dantas. - Rio de Janeiro, 2024.

17 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Demian Garcia Castro.

1. Geografia (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. 2. Cartografia (Ensino Fundamental) – Estudo e ensino. 3. Calvino, Italo, 1923-1985. As cidades invisíveis. 4. Direito à cidade. 5. Raciocínio geográfico. 6. Geografia e literatura. I. Castro, Demian Garcia. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Helena Pinheiro Dantas

“CIDADES INVISÍVEIS”:

Cartografia como ferramenta didática para se pensar
em novas possibilidades de cidades para o Ensino Fundamental I

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Aprovado em: 29/04/2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Demian Garcia Castro (TPGE / CPII)

Prof. Dr. Rafael Medeiros de Andrade (TPGE / CPII)

Prof. Ma. Tatiana de Souza Ferreira (CPII)

Rio de Janeiro
2024

“CIDADES INVISÍVEIS”:
Cartografia como ferramenta didática para se pensar
em novas possibilidades de cidades para o Ensino Fundamental I

Helena Pinheiro Dantas

Resumo:

Utilizando o livro “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, o presente artigo visa trazer uma proposta pedagógica explorando o conceito de cidade a partir de uma representação cartográfica feita em sala de aula. Mediante a inquietação de como se trabalhar o raciocínio geográfico dentro do ensino fundamental I, a proposta apresentada tem como objetivo explorar a criatividade e a imaginação presentes tanto nos alunos deste segmento quanto no livro retratado, a fim de se pensar nas funções e nos principais problemas encontrados no tecido urbano. A partir da literatura fantástica para a criação de cidades fictícias, pretende-se questionar os papéis das cidades e tensionar os problemas reais apresentados no nosso cotidiano. Mediante isso, espera-se que os alunos possam refletir sobre a localização e a acessibilidades dos elementos fundamentais de uma cidade e questionem se a cidade em que vivem atende a todos os seus habitantes. Dessa forma, o trabalho visa desenvolver o pensamento crítico dos alunos a respeito dos lugares pelos quais transitam e trabalhar o raciocínio geográfico a partir dos elementos distribuídos no mapa destacando a importância da localização para a compreensão de fenômenos presentes do tecido urbano, tais como acessibilidade, desigualdade, o direito à cidade.

Palavras-chave: cidades invisíveis; direito à cidade; cartografia escolar; raciocínio geográfico; geografia e literatura.

INVISIBLE CITIES:

Cartography as a Didactic Tool for Thinking about New Possibilities of Cities for Elementary School

Abstract: Using Italo Calvino's book "Invisible Cities," this article aims to propose a pedagogical approach exploring the concept of cities through a cartographic projection conducted in the classroom. Addressing the question of how to teach geographical reasoning in elementary education, the proposal aims to foster creativity and imagination present in both the students of this age group and the depicted book. The objective is to contemplate the functions and main issues encountered in urban fabric. By using imaginative literature to create fictional cities, the intention is to question the roles of cities and to highlight the real-life problems we face daily. Through this approach, it is intended that students will reflect on the location and accessibility of fundamental elements within a city and inquire whether the city they inhabit serves all its residents. Thus, the project's goal is to cultivate students' critical thinking regarding the places they inhabit and to develop geographical reasoning regarding the location of elements distributed on a map, understanding the significance of location in comprehending urban phenomena such as accessibility, inequality, and the right to the city.

Keywords: invisible cities; right to the city; school cartography; geographical reasoning; geography and literature.

INTRODUÇÃO

O conceito de cidade é trabalhado em diferentes momentos dentro do processo escolar do Ensino Fundamental I até o Ensino Médio. A relevância desse tema está relacionada a diversas pautas da vida cotidiana que transversam a questão da ocupação urbana e do surgimento das primeiras cidades. O assentamento humano dentro de um território fixo pode estabelecer uma série de condutas sociais fundamentais como divisão de tarefas, vida política, justiça ambiental, a relação com as diferenças e os preceitos básicos de cidadania. No entanto, ao se trabalhar com esse conceito é necessário dar luz às diversas assimetrias sociais que pairam no tecido urbano e promovem fortes contrastes nos acessos e direitos que envolvem a cidade.

A presente pesquisa pretende oferecer novos materiais que contribuam para o pensamento geográfico (CASTELLAR, 2020) desenvolvido dentro do Ensino Fundamental I explorando o conceito de cidade e suas demais implicações de uma forma lúdica e multidisciplinar. A inquietação sobre o tema tratado surgiu diante da necessidade de lecionar nesse segmento de ensino, mais especificamente no 4º ano. Diante disso, percebe-se a pouca presença da geografia nos debates dentro dos estágios iniciais de ensino, o que abre uma lacuna importante dentro do ensino da geografia.

Os debates ocorridos dentro da Pós-graduação do Pedro II, sobretudo nas aulas ministradas pelo professor Vitor Scalercio, apontam o raciocínio geográfico como um ponto crucial dentro da geografia escolar. Se pensar na geografia presente nos assuntos tratados em sala de aula é essencial para o ensino de uma geografia mais sensível e crítica. Dessa forma, o uso dos “gatilhos geográficos”, ou seja, perguntas sobre o fenômeno observado que levem o aluno a pensar sobre a localização dos fenômenos tratados bem como o porquê de sua localização no espaço geográfico são fundamentais para o aprimoramento do raciocínio geográfico.

A partir disso, ao trabalhar com esse segmento específico, percebemos que o uso da criatividade e da imaginação são essenciais dentro do fazer pedagógico. Sendo assim, o livro “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, publicado em 1990, pode ser manuseado como um “gatilho geográfico” para se pensar em outras possibilidades de cidades, salientando a localização como ferramenta chave para se compreender diversos fenômenos que ocorrem dentro do espaço urbano, suas funções e formas. É possível se tensionar o papel da cidade a partir da literatura, e mapear novas formas de se pensar e de repensar o espaço. Dessa forma, a atividade proposta é a de compreender as diferentes dinâmicas que ocorrem dentro do espaço urbano, ou mesmo novas possibilidades de cidades como mostram o livro citado, para que assim os alunos criem suas próprias ideias de como as cidades poderiam ser na criação de seus próprios mapas e na invenção de suas próprias cidades.

A cartografia é uma forma de linguagem que oferece uma forma de visualizar e expressar diversas características presentes no espaço. A confecção de mapas permite uma forma de visualização da distribuição espacial dos fenômenos que dificilmente seria alcançada apenas com palavras ou gráficos. Sendo assim, o ensino da cartografia é essencial para uma sensibilidade geográfica para se refletir sobre o mundo em que vivemos. Isso não apenas inclui a compreensão das características físicas e humanas do espaço, mas também suas interações e influências sobre a distribuição destas questões dentro do espaço geográfico. A cartografia permite a compreensão de como modificamos e somos modificados pelos espaços, sendo uma importante ferramenta para se compreender e interpretar a realidade. (VIEIRA, 2020).

Com base nessa discussão, enfim propor a atividade prática de elaborar uma cartografia de uma cidade ideal explorando as principais queixas citadas sobre os problemas percebidos pelos discentes e abrindo a possibilidade de se criar uma cidade totalmente fictícia podendo se basear em séries, filmes e livros que despertem a curiosidade e o interesse de cada grupo.

Desse modo, explorar a cartografia dentro do campo do imaginário pressupõe um exercício geográfico de espacializar os fenômenos e dinâmicas que ocorrem dentro de uma determinada lógica criada. Segundo Jader Janer, as palavras são as nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo, isso porque a linguagem é repleta de significados construídos historicamente e materializados geograficamente. A palavra é a nossa maior força de criação no mundo, é a partir da interpretação que podemos instrumentalizá-la para que possamos criar novas possibilidades de mundo (LOPES, 2013).

Sendo assim, o presente artigo pretende utilizar a literatura como um “gatilho geográfico” para a criação de uma proposta didática onde o aluno seja um sujeito ativo dentro do seu processo de aprendizado. Explorando as cidades fictícias criadas pelo autor Ítalo Calvino, o discente deve ser capaz de imaginar e representar suas próprias ideias de como as cidades poderiam ser. Para além de se pensar nos problemas reais que se passam nos meios aos quais circundam, a atividade proposta pretende também se pensar em soluções para esses problemas, nas cidades as quais de fato se quer estar.

SE PENSAR A GEOGRAFIA QUE HÁ EM DOIS MUNDOS: como cartografar a imaginação?

Talvez do mundo só reste um terreno baldio coberto de imundícies e o jardim suspenso do paço imperial do Grande Khan. São as nossas pálpebras que os separam, mas não se sabe qual está dentro e qual está fora. (CALVINO, 1990, p. 95)

O trecho acima, retirado do livro “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino retrata o processo dicotômico entre o mundo material, o espaço físico onde as ações humanas são impressas no tecido urbano e se mostram dentro de suas formas, funções e imperfeições, e um mundo invisível, ao qual existe apenas dentro do olhar subjetivo de cada observador. Neste primeiro mundo é possível ser percebido desde a primeira infância. De acordo com Sônia Castellar, a partir do processo de amamentação a criança já desenvolve noções práticas de orientação e distância entre ela e o mundo à sua volta, posteriormente, essas habilidades evoluem para se pensar sobre um espaço onde ela já não representa a figura central dos processos (CASTELLAR, 2020). Todas essas competências correspondem às nossas noções geográficas do mundo visível, mas como o próprio autor de “As Cidades Invisíveis” sugere, existem outros mundos além deste, geografias que fazem parte do campo sensível, e por que não dizer invisível?

Para adentrar o Ensino Fundamental I, faz-se necessário pensar em outras duas formas de se entender o espaço geográfico, a partir da lente pertencente ao mundo dos adultos e ao mundo das crianças. Explorar esses dois universos dentro da pretensão (e talvez até utopia) de aproximar esses dois mundos faz parte do trabalho do professor em tentar alcançar uma geografia mais sensível e talvez também mais significativa.

O Ensino Fundamental I é uma fase crucial em que as crianças começam a expandir sua compreensão do mundo ao seu redor de maneira mais crítica. Este ciclo abarca crianças de 6 a 11 anos onde a curiosidade é ampliada e a sua percepção espacial já alcança uma compreensão mais profunda a respeito dos conceitos geográficos. (CASTELLAR, 2017)

O pensamento geográfico é uma ferramenta importante dentro da compreensão do mundo, buscando entender os aspectos espaciais da Terra e de seus processos físicos e humanos. Ao propor a construção cartográfica de uma cidade utópica, visando solucionar os problemas levantados pelos próprios discentes, geramos uma aplicação prática do próprio pensamento geográfico, estimulando a habilidade de pensar e analisar problemas ou questões do mundo real com uma perspectiva geográfica. Isso inclui compreender como a localização, o espaço, o lugar e a interação entre os elementos geográficos afetam vários aspectos da vida humana e do meio ambiente, criando assim, mecanismos para a reflexão de novos mundos. Dentro da perspectiva

infantil, a realidade é repleta de misticismo e de fenômenos aos quais não se estende ainda várias explicações. Isso gera um cenário de lacunas, as quais são preenchidas com achismos, semi-explicações e também fantasia (STRAFORINI, 2015). A fim de tentar incutir algumas dessas explicações, por vezes taxadas como desinteressantes ou até mesmo “sem graça” pelos alunos, houve um esforço em se elaborar uma metodologia que abordasse o estímulo a diferentes sentidos, a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento e a introdução a um mundo fantástico pensado pelo escritor Ítalo Calvino em sua obra “As Cidades Invisíveis”.

Desse modo, a proposta desenvolvida engloba três áreas do conhecimento formal, com conteúdos disponibilizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que visa uma apropriação lúdica da cartografia como método de leitura do mundo, a compreensão da formação de cidades e a literatura como dispositivo criativo para a invenção de novas realidades.

Sendo assim, com base em fragmentos do livro “As Cidades Invisíveis” pretende-se criar um ambiente propício para a imaginação de novas possibilidades de cidade, que, a partir de um entendimento prévio sobre os conteúdos ministrados no 4º ano do Fundamental I. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), dentro desse estágio de desenvolvimento o aluno deverá ser capaz de reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo e a cartografia nos possibilita a criação de espaços que podem gerar várias situações problemas sobre locomoção, acessibilidade e inclusão. Ao dar origem as suas próprias produções autorais os alunos conseguem criar uma noção mais profunda sobre a formação dos espaços bem como exercitar o raciocínio espacial ao distribuir espacialmente as formas e funções sociais dentro de suas representações cartográficas.

O desenvolvimento desse trabalho pretende levantar discussões como: direito à cidade, justiça ambiental, desigualdade social, entre demais temas e implicações que vão surgir conforme forem sendo elaborados os mapas. É necessário se atentar à participação do alunato no desenvolvimento do tema exposto para que assim o professor consiga delimitar as principais demandas levantadas e, assim, proporcionar uma reflexão mais horizontal e profunda sobre os atravessamentos causados a partir da indagação original.

Inserida dentro de uma proposta didática a aplicação da prática pedagógica se daria em três momentos. Em um primeiro momento haveria uma apresentação do livro do Ítalo Calvino, citando trechos importantes e discutindo sobre as cidades retratadas em seu livro. Esse gatilho inicial abriria para uma discussão mais ampla sobre as funções de uma cidade e os principais problemas vividos dentro dela. Sendo assim, a proposta didática sugerida é a leitura em conjunto de alguns trechos marcantes do livro “Cidades Invisíveis” do autor Ítalo Calvino e a partir desses trechos, tensionar os alunos do Ensino Fundamental I a refletirem sobre o que é uma cidade boa para se viver? Quais são os principais problemas vividos dentro da cidade? Como podemos solucionar esses problemas? Em seguida, sugerir um exercício imaginativo sobre como poderia ser a cidade ideal? O que ela deveria ter?

Dentro desse primeiro momento, é recomendado que se discuta questões como a educação, a saúde e o lazer dentro de uma cidade e, a partir disso, trazer os principais problemas observados pelos alunos dentro de suas vivências cotidianas, a fim de se repensar junto às propostas de soluções para esses problemas. Após esse primeiro momento teórico a proposta de atividade que se pretende elaborar pressupõe um entendimento claro das funções e das principais atividades que ocorrem dentro do tecido urbano.

Em um segundo momento, traríamos a proposta de que os discentes criassem suas próprias cidades, corrigindo os principais problemas apontados por eles próprios e ainda uma representação cartográfica de suas ideias. Desse modo, ao dimensionar as diferentes funcionalidades estabelecidas dentro do espaço urbano, a disposição desses elementos dentro do mapa trabalha o raciocínio geográfico (CASTELLAR, 2020) dos alunos no próprio fazer, e

localizar, onde ocorrem os processos e funcionamentos das cidades. A liberdade de se cartografar uma cidade ideal, tendo como fonte de inspiração um livro com tantas possibilidades de espaços, entra em uma série de questões problemáticas que dialogam com o nosso espaço vivido. Não apenas é importante se questionar o que é preciso ter em uma cidade, mas onde, e por quê.

Em um terceiro momento haveria a apresentação dos mapas com os principais elementos abordados em cada representação, os principais problemas abordados e as soluções trazidas na confecção dos mapas, os problemas encontrados durante o mapeamento das cidades. Desse modo, a proposta didática visa a abertura para um debate mais profundo sobre as defasagens e potencialidades do tecido urbano, em conjunto com um raciocínio geográfico da disposição dos elementos e da acessibilidade dos mesmos dentro de uma cidade (real ou imaginária).

Quadro 1 - Plano de Aula sobre “As Cidades Invisíveis”

Plano de Aula					
Segmento: 4º ano do Ensino Fundamental I (entre 9 e 10 anos)					
Tema: Diálogo entre cartografia e literatura					
Objetivo Geral: Novas possibilidades de se pensar a cidade a partir da leitura do livro “Cidades Invisíveis” objetivando novas leituras de mundo e ampliação do pensamento geográfico.					
Duração: 4 tempos de aula de 50 minutos.					

Momento da aula	Conteúdos	Habilidades	Procedimentos	Materiais necessários	Duração
Introdução	Conceito de cartografia. Importância da representação espacial.	EF04GE01 EF04GE02	Iniciar com uma conversa sobre o que é cartografia, perguntando aos alunos se eles já viram ou usaram mapas. Explicar a importância dos mapas para entender e organizar espaços. Apresentar o livro “Cidades Invisíveis” do Ítalo Calvino a fim de refletir sobre os principais problemas das cidades, potencializando um pensamento crítico sobre outras possibilidades de cidade.	Quadro e giz ou lousa branca e canetas.	50 minutos
Desenvolvimento	Criação e análise de mapas simples.	EF04GE02 EF04GE03 EF04GE04	Dividir os alunos em grupos e entregar a cada	Cartolina branca Lápis	100 minutos (2

	Estudo da formação das cidades e disposição dos elementos urbanos.	EF04GE09	grupo uma cartolina branca, lápis, lápis de cor e régua. Solicitar que desenhem um mapa simples sobre uma possível cidade, solucionando problemas práticos discutidos previamente na primeira etapa do desenvolvimento. Orientar os alunos a identificar no mapa os principais elementos e discutir como esses elementos estão organizados no espaço real. Após os mapas estarem prontos, guiar uma discussão sobre o processo de formação das cidades, abordando aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais.	Lápis de cor Régua	tempos de aula)
Conclusão/ Avaliação	Revisão do conteúdo abordado. Apresentação dos mapas criados pelos grupos.	EF04GE04 EF04GE06	Solicitar que cada grupo apresente o seu mapa para a turma, explicando as escolhas feitas na representação do espaço. Conduzir uma discussão final sobre o papel dos mapas na organização dos	Mapa criado pelos alunos	50 minutos

			espaços e na vida cotidiana. Fazer uma breve avaliação oral, onde os alunos compartilham o que aprenderam e como veem o espaço ao seu redor de maneira diferente após a atividade.		
Desdobramentos	Utilizar os mapas produzidos pelos alunos para aprimorar seu olhar geográfico, abrindo para uma expansão do conceito de cartografia para outros tipos de mapas (políticos, econômicos, culturais). Exploração de mapas históricos e sua evolução.	EF04GE02 EF04GE06 EF04GE05	Propor atividades futuras onde os alunos possam criar outros tipos de mapas, como um mapa do bairro onde moram ou um mapa de um espaço imaginário. Introduzir o conceito de mapas históricos e discutir como as cidades mudaram ao longo do tempo.	Exemplos de diferentes tipos de mapas (políticos, históricos, econômicos).	Tempo variável

Fonte: Helena Dantas (2024).

Como observado no Quadro I, a partir de uma reflexão inicial sobre as funções da cidade alguns trechos do livro “As cidades invisíveis” nos ajudam a pensar sobre alguns dos problemas concretos das cidades as quais estamos inseridos. A partir dessas análises os alunos deverão pensar em estratégias espaciais que atenuariam esses problemas, e apresentá-las, posteriormente, em suas representações cartográficas.

Conforme nos apresenta Calvino (1990), “Em Cloe, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. [...] ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares mas não se fixam.” (CALVINO, 1990, p. 53)

Em Cloe podemos perceber uma manifestação típica dos grandes centros urbanos onde os alunos podem apresentar comparativos entre comunidades menores, trazer suas próprias realidades para a sala de aula bem como construir um debate mais amplo sobre democracia e a participação popular na gestão das cidades.

Ao chegar a Fílide, tem-se o prazer de observar quantas pontes diferentes entre si atravessam os canais [...] Em todos os pontos a cidade oferece surpresas para os olhos: um cesto de alcaparras que surge na muralha da fortaleza, as estátuas de três rainhas numa mísula, uma cápsula em forma de cebola com três pequenas cebolas

introduzidas em suas extremidades. [...] No entanto, a cidade logo se desbota. [...] distingue-se entre zonas de sol e zonas de sombra, uma porta aqui, uma escada ali, um banco para apoiar um cesto, uma valeta onde tropeça quem não toma cuidado. Todo o resto da cidade é invisível. (CALVINO, 1990, p. 64)

Já em Fílide os alunos poderão refletir áreas de lazer de sua cidade. Onde estão localizados os principais pontos de lazer da cidade? Esses espaços são acessíveis a toda a população? Dependendo do lugar onde se mora, os transportes públicos para chegar a essas áreas são bem cuidados? Todas essas inquietações devem despertar no aluno a intenção de tornar suas representações cartográficas o mais democráticas possíveis. Onde todos tenham acessibilidade para usufruir do espaço urbano, e dentro disso, os alunos precisarão utilizar o pensamento espacial como ferramenta de entendimento desses espaços e solução para as assimetrias sociais presentes no tecido urbano.

A construção de uma representação cartográfica por meio dos desenhos possibilita aos alunos o desenvolvimento de um pensamento espacial englobando conceitos espaciais como a distância, posição e distribuição dos elementos a fim de sistematizar os conhecimentos adquiridos por meio de uma problemática espacial suscitada inicialmente. (CASTELLAR, 2020).

A tentativa de se ampliar o leque de possibilidades dos alunos objetiva a construção de cidades menos pautadas na realidade e mais próximas de suas próprias utopias. Desse modo, essa atividade almeja trabalhar com possíveis aspectos urbanos tais como gestão, direito à cidade, inclusão e justiça ambiental, a depender do engajamento gerado dentro da primeira etapa investigativa da ação docente em se debater e relacionar as falas insurgentes com as diferentes temáticas atreladas. Nesse aspecto, o desencadear da proposta idealizada a partir do plano de aula destrinchado no Quadro 1 deve servir como parte de um planejamento permanente, mas sempre destacando as vozes que permeiam a sala de aula. O protagonismo da aprendizagem é um direito do aluno e um respeito a infância. É durante a infância que o indivíduo toma consciência de si e do mundo que o permeia, portanto, essas habilidades devem ser instigadas pois elas são fundamentais na formação da base do conhecimento pela qual as gerações futuras poderão imaginar, criar e construir novos conceitos e até mesmo realidades.

A INFÂNCIA ENQUANTO OBJETO TRANSFORMADOR DA CIDADE: a infância e suas utopias

Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações... (CALVINO, 1990)

A compreensão da realidade em crianças do 4º ano do Ensino Fundamental I é influenciada por um desenvolvimento cognitivo e social contínuo. Nessa faixa etária, as crianças estão em um estágio de transição entre a infância e a pré-adolescência, e estão desenvolvendo uma compreensão cada vez mais complexa do mundo ao seu redor. Dentro dessa etapa do desenvolvimento as crianças estão frequentemente em um estágio de questionamento constante, tendendo a fazer várias perguntas a respeito do mundo ao seu redor, buscando entender como as coisas funcionam. A imaginação ainda desempenha um papel importante, mas as crianças também estão desenvolvendo uma compreensão mais sólida da diferença entre o mundo real e o mundo imaginário. (CASTELLAR, 2020)

Desse modo, as utopias desempenham um papel fundamental na construção de um ensino crítico e tensionador para crianças. O exercício imaginativo de se pensar o mundo não apenas como ele é, mas também como ele poderia ser, nos serve enquanto aspiração que nos

desafiam a imaginar um futuro melhor e a buscar aperfeiçoamentos na sociedade. As crianças tendem a ter uma imaginação vibrante e criativa. Elas podem ver o mundo de maneira mais mágica e fantasiosa, o que pode influenciar sua percepção da realidade (LOPES, 2013). O olhar infantil perante ao que se espera do mundo pode inspirar ações concretas e projetos que visam melhorar a sociedade e marcar de forma significativa a prática do pensar e fazer geográfico. Mesmo que uma utopia nunca seja totalmente alcançada, ela serve como um farol constante que nos lembra dos objetivos ideais a serem perseguidos. Isso evita a complacência e a estagnação.

A imaginação desempenha um papel central na aprendizagem. Quando as crianças são incentivadas a usar a imaginação ao explorar tópicos e conceitos, elas podem internalizar o conhecimento de maneira mais significativa (STRAFORINI, 2015). O exercício de se criar novas realidades é uma força poderosa que impulsiona a criatividade, a inovação e a transformação do mundo. É uma habilidade que deve ser incentivada, cultivada e nutrida em indivíduos de todas as idades, pois é uma fonte de inspiração e de mudança. A imaginação é o primeiro passo para transformar uma visão em realidade.

Através da criação de mundos imaginários e personagens, as crianças podem expressar aspectos de sua própria identidade e personalidade. Isso as ajuda a desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmas, permitindo que as crianças gerem novas ideias e soluções para problemas. Elas podem imaginar diferentes abordagens para desafios e testá-las em seu mundo imaginário. A aplicação do conhecimento adquirido de maneira prática e contextualizada, podem criar cenários onde utilizam informações e conceitos aprendidos, o que ajuda a consolidar seu entendimento.

Dentro do desenvolvimento e aprendizagem de crianças entre os ciclos finais do ensino fundamental os alunos estão aprimorando sua capacidade de compreender o espaço e o tempo. Eles podem compreender melhor a passagem do tempo em termos de dias, semanas, meses e anos, bem como distâncias e localizações geográficas (CASTELLAR, 2017). Ao aplicar de forma prática os conteúdos discutidos em sala de aula nos projetos de mapa, os discentes estão desenvolvendo uma consciência mais profunda de seu ambiente local e a comunidade em que vivem. Isso inclui uma compreensão das características geográficas, sociais e culturais de sua região, tornando-se mais conscientes das questões sociais e morais. Dessa forma, elas estão começando a formar suas próprias opiniões e valores sobre o mundo que as cerca e elaborando medidas práticas que as tornam agentes transformadores de sua realidade.

O papel do desenvolvimento da habilidade de localização é de grande importância para as crianças, essa capacidade permite que o seu crescimento cognitivo, desenvolvimento social e compreensão do mundo ao seu redor sejam amplificados para serem instrumentalizados posteriormente. A capacidade de localizar objetos e lugares no espaço é essencial para a orientação espacial. Isso ajuda as crianças a entenderem onde estão em relação a outros objetos ou lugares e a se moverem com confiança entendendo-se enquanto agentes espaciais. O desenvolvimento da localização envolve habilidades cognitivas, como a compreensão de direções, distâncias e a relação entre objetos no espaço (CASTELLAR, 2020). Isso estimula o pensamento crítico e o raciocínio lógico e é uma parte essencial da consciência geográfica. Isso ajuda as crianças a compreenderem as características geográficas do mundo.

A construção de uma educação geográfica questionadora e instigante é fundamental na construção de um conhecimento crítico. Dessa forma, o ensino de geografia pode ser utilizado como uma ferramenta para que as futuras gerações atuem de forma mais consciente, analisando e compreendendo as questões que permeiam a realidade a qual habitamos e agindo de forma equitativa em busca de uma sociedade mais justa e democrática.

A CIDADE PARA TODOS

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. Anastácia, cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outras vezes benigno: se você trabalha oito horas por dia como minerador de ágatas ônix crisóprasos, a fadiga que dá forma aos seus desejos toma dos desejos a sua forma, e você acha que está se divertindo em Anastácia quando não passa de seu escravo. (CALVINO, 1990)

O exercício de se produzir um mapa é mais complexo do que se pode supor até mesmo no mundo dos adultos, mas no mundo das crianças, onde quase tudo é possível, pode sugerir problemas até então não dimensionalizados ou mesmo refletido por eles. Isso porque o exercício não prevê apenas o que vai ser colocado no mapa, mas também onde e por quê.

É de consenso que deverá haver escolas, hospitais e praças em uma cidade, mas eles serão postos no centro ou nas margens? E o que ficará nas margens? Com base na própria localidade onde se aplicará a atividade pode se iniciar uma discussão a respeito da disponibilidade desses elementos no próprio município, e discutir um pouco sobre os problemas levantados pelos próprios estudantes a despeito das cidades. Por exemplo, os pontos de lazer da cidade estão disponíveis a todos os seus habitantes? Quais os principais problemas ambientais do município e quais áreas são mais afetadas?

Ao se trabalhar o conceito de cidade dentro do 4º ano do Ensino Fundamental I é interessante partir do espaço percebido para então adentrarmos em temáticas mais complexas desse espaço concebido. Segundo Lopes (2013), o trabalho com as crianças pequenas precisa transversar temáticas como a da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Ao compartilhar problemas vivenciados dentro das múltiplas experiências evidenciadas no chão da sala de aula, poderíamos direcionar nossas reflexões para uma ordem mais holística sobre o funcionamento do espaço urbano, evidenciando o que é, ou não, uma questão pontual de cada município. Essa etapa do desenvolvimento cognitivo é crucial dentro do trabalho empático e sensível de se perceber o outro dentro de uma perspectiva da cidadania. O exercício imagético de se criar uma cidade nos traz a liberdade artística de colidir o mundo real com o mundo imaginário e subjetivo de cada estudante.

Dentro da faixa etária englobada no Ensino Fundamental I a criança já é capaz de compreender processos simples de localização espacial, direcionamento, orientação e distância, bem como processar símbolos e legendas que englobam a sua leitura cartográfica. Dessa forma, o exercício imaginativo de se conceber uma representação cartográfica implica na manifestação de uma série de habilidades como a integração entre fenômenos físicos e humanos no espaço, a conscientização sobre o respeito às diferenças operacionalizando noções básicas de cidadania, bem como o desenvolvimento de perguntas geográficas ampliando a capacidade investigativa e questionadora de se produzir respostas, ampliando a aplicabilidade de conceitos geográficos no mundo real. (CASTELLAR, 2020).

Dessa forma, quando pensamos em cidade, que cidade estamos pensando? Todos os corpos estão incluídos nesta nossa cidade? Quando pensamos em uma cidade ideal, onde colocamos a favela, os trabalhadores, o lixo que produzimos? À medida em que exercitamos a nossa leitura de mundo, e novas formas de se pensar esse mundo caótico e assimétrico, é importante que nossas leituras englobem também os problemas do mundo contemporâneo. Faz-se necessário que não apenas lutemos por uma cidade melhor, mas também pelo direito à cidade.

As cidades são locais cruciais para a luta por justiça social e igualdade. O direito à cidade trata-se de um direito humano fundamental e traz a ideia de que todos os cidadãos têm o direito de participar ativamente na criação e transformação das cidades em que vivemos.

Como defende o geógrafo Harvey em seu livro “Cidades Rebeldes” (2012) as políticas e práticas urbanas desvinculadas dos interesses coletivos geram uma série de assimetrias que enfatizam a desigualdade social e de oportunidades de seu coletivo. O espaço e o tempo se inter cruzam no tecido urbano à medida que a velocidade da urbanização atrelado aos anseios do mercado nem sempre atendem os interesses populares. Nesse sentido, faz-se necessário a discussão sobre um planejamento urbano democrático e participativo, e a geografia pode ser entendida como uma ferramenta de compreensão e atuação nas nossas práticas espaciais e perspectivas de criações de novos mundos.

Os alunos enquanto protagonistas de seu processo educativo precisam se sentir seguros de pensar e se questionar o espaço percebido de forma unilateral. Torna-se essencial que estes se entendam enquanto agentes geográficos e promotores de transformações no espaço que os cerca.

Existe, portanto, uma série de assimetrias que circundam o espaço urbano e que devem ser debatidas e repensadas dentro da sala de aula. O estímulo ao pensamento crítico, em conjunto com uma prática de ensino interativa e instigadora é o objetivo fundamental desse projeto, almejando encontrar não apenas respostas, mas também novos questionamentos, em busca de novas utopias que transformem e reescrevam a realidade que nos acomete todos os dias.

A cidadania, sem dúvida, se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura. É, talvez, nesse sentido, que se costuma dizer que a liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista, uma conquista a manter. Ameaçada por um cotidiano implacável, não basta à cidadania ser um estado de espírito ou uma declaração de intenções. Ela tem o seu corpo e os seus limites como uma situação social, jurídica e política. Para ser mantida pelas gerações sucessivas, para ter eficácia e ser fonte de direitos, ela deve se inscrever na própria letra das leis, mediante dispositivos institucionais que assegurem a fruição das prerrogativas pactuadas e, sempre que haja recusa, o direito de reclamar e ser ouvido. (SANTOS, 2011, p. 82-83)

Sendo a primeira infância um espaço único de aprendizado e curiosidade que se desperta para o mundo ao qual somos cercados, cabe ao professor o papel de mediação dentro das temáticas ali despertadas no espaço escolar. Como afirma Milton Santos, a cidadania pode ser aprendida. Dentro dos conteúdos ministrados em sala, o pensamento crítico e a reflexão sobre o cotidiano dos discentes deve transversar o debate para que a disciplina da geografia não se torne uma disciplina mnemônica sem diálogo com a realidade.

O currículo escolar permeia uma série de conflitos e disputas sobre as narrativas que são trazidas como forma de escolarização ou mesmo de docilização de corpos. Mas como traz Giordani (2019), existe um currículo oculto construído no chão da sala de aula. É neste lugar emaranhado por desejos, curiosidade e criatividade que os alunos expressam livremente seus entendimentos, trajetórias e visões de mundo. Portanto, cabe aqui destacar que a proposta da atividade aqui citada pode ser vista como um norte onde não se sabe qual será seu fim.

O dispositivo criativo de se fazer e pensar uma geografia instigante, e na melhor das hipóteses, cativante, tem como objetivo atrair o aluno como centralidade em seu processo educativo e formativo. De se entender como sujeito capaz de refletir e atuar dentro de um mundo assimétrico e muitas vezes desigual.

CONCLUSÃO

É importante notar que o desenvolvimento infantil na área da geografia é uma construção contínua e gradual onde as crianças estão em estágio de desenvolvimento e de construção de uma base para conceitos geográficos mais avançados no futuro. Os educadores

desempenham um papel fundamental em fornecer oportunidades de aprendizado significativas e experiências práticas que estimulam o interesse e o desenvolvimento geográfico das crianças dentro dessa faixa etária.

A imaginação é uma ferramenta essencial que enriquece a experiência das crianças à medida que elas aprendem e compreendem o mundo em que vivem. Ela as incentiva a explorar, experimentar, aprender e desenvolver habilidades de forma sensível e significativa. Promover e nutrir a imaginação das crianças é crucial para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Trazer as temáticas escolares de forma prática, integrando as vivências cotidianas do espaço vivido, e abrindo espaço para se pensar espaços ainda não vividos é uma forma de abordagem que traz o aluno para o centro de sua aprendizagem. A metodologia exposta na presente pesquisa sugere trazer as subjetividades, vivências e utopias para dentro do processo formativo, dessa forma, o surgimento de problemáticas na confecção de suas próprias utopias surgiram naturalmente, formando um ambiente propício ao questionamento e um pensamento mais profundo sobre o mundo em que vivemos e o mundo ao qual gostaríamos de viver.

A construção de uma representação cartográfica visa uma forma lúdica de inserir no aluno o seu protagonismo diante da sua aprendizagem. As representações realizadas podem ser uma importante ferramenta no desenvolvimento de um pensamento crítico e nas formulações de utopias. Através da criação de mapas e da análise que esta linguagem nos permite acessar, é possível visualizar e reimaginar o mundo de maneira que promovam a justiça social, a equidade e a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLAR, S. M. V- O papel do pensamento geográfico na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun. 2020.

CASTELLAR, S. M. V; JULIASZ, P. C. S. - Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017. pp.160-178

CAVALCANTI, L. de S. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 41-55, 1999

VIEIRA, R. C., EFFTING, F. J. A importância da cartografia para o ensino de geografia. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 8, n. 01, p. 43-52, 2020

GIORDANI, Ana. Geografia Escolar: neoliberalismo, necropolítica e as coisinhas do chão. **Revista Educação Geográfica em Foco**, [S.l.], v. 3, n. 6, oct. 2019.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**. Editora: Martins Fontes. 2012.

LOPES, J. R. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.

SILVA, E. NEVES, G. R. MARTINS, L. B. (Org.). **Milton Santos**: O espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

STRAFORINI, R. A totalidade-mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 18, 2015.

AGRADECIMENTOS

Esse artigo, como qualquer outro artigo, se deve muito mais as pessoas que nos transpassam do que a autora em si. Por esse motivo devo agradecer imensamente ao meu companheiro, Eduardo Pederneira que me apoia profissional e academicamente mesmo antes de começarmos a namorar. Sem nossas conversas e trocas tenho certeza de que eu teria desistido no meio das milhares de cobranças que rondam a nossa vida docente, e sem sombras de dúvidas a existência desse artigo se deve muito à força que você me dá todos os dias.

Queria agradecer aos meus pais, Luciana Pinheiro e Marcelo Dantas, que são profissionais e educadores fantásticos que sempre me inspiraram a fazer o meu melhor no meu local de trabalho. Por todo o suporte que vocês me deram em toda a minha trajetória acadêmica desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação, esse texto também contém muito do que vocês me passaram durante todos esses anos.

Aos meus amigos Agatta Crystie, Luiza Pessoa, Ana Clara Dias, Isabella Chamberlaine, Lucas Correa, Paula Serafini entre muitos outros pelos momentos de leveza, risos e desabafos que ajudaram nos momentos de sobrecarga e que me inspiram a seguir em minha trajetória profissional e acadêmica.

A Instituição do Pedro II pelo ensino de extrema qualidade que puderam proporcionar e aos aprendizados que hoje incorporam as minhas aulas e reflexões a cerca do papel do docente dentro do ensino de geografia.

Ao meu orientador pela paciência, orientação e suporte que me acompanhou durante todo o processo de escrita e que retomou em mim uma escrita que eu nem imaginava que eu ainda poderia ter depois de tanto tempo longe da escrita acadêmica.

Por fim, quero agradecer aos meus alunos. Eu tenho sorte de estar cercada por tantas crianças talentosas, gentis, curiosas e engraçadas que encantam e movimentam todos os dias. São eles que me trazem a esperança da transformação e a busca por uma sociedade menos desigual. A inspiração para esse trabalho não viria sem as dúvidas, os causos, e as trocas que ocorrem nas salas de aula. A todos eles meus sinceros agradecimentos.